

## **O ENSINO DE GEOGRAFIA E O USO DE IMAGENS NO “CURSINHO ALTERNATIVO PARA ALUNOS SURDOS” - CAS**

Gilson Inês de Souza - UFU<sup>1</sup>

gil\_udi33@yahoo.com.br

Fernanda Santos Pena - UFU<sup>2</sup>

fernandapena87@yahoo.com.br

### **Resumo**

Apesar da inclusão escolar de estudantes Surdos na Educação Básica ter aumentado nas últimas décadas, ainda é escasso o ingresso destes estudantes no Ensino Superior. Na tentativa de amenizar este problema, em 2004, criou-se o projeto de extensão intitulado Cursinho Alternativo para Surdos (CAS), realizado pelo Centro de Ensino, Pesquisa, Atendimento e Extensão em Educação Especial (CEPAE) no âmbito da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). O CAS tem o objetivo de contribuir para a inclusão de Surdos no Ensino Superior, oferecendo aulas preparatórias para estes estudantes. Ele conta com uma equipe de voluntários, composta por coordenação, orientação pedagógica, intérpretes da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e professores, os quais são alunos de cursos de licenciatura da UFU. Além de preparar os estudantes Surdos para sua futura inserção no Ensino Superior, o curso possibilita um momento de formação para os graduandos dos diversos cursos de licenciatura da UFU, os quais são voluntários do projeto. O autor deste trabalho é professor de Geografia do CAS e, durante as aulas ministradas, percebeu que apenas a LIBRAS não é suficiente para atender à demanda educacional dos estudantes surdos. Começou a realizar pesquisas sobre metodologias adequadas no ensino de Geografia para estes estudantes, percebendo a importância do uso de imagens. O presente trabalho tem como objetivo apresentar as experiências deste professor no projeto CAS, no que diz respeito ao ensino de Geografia. Para isto, realizou-se levantamento bibliográfico e relato de experiências. Como resultado, verificou-se que as metodologias de ensino que utilizam recursos visuais são mais promissoras para os estudantes Surdos. Consequentemente, o uso de imagens é interessante e deve ser recorrente durante o ensino de Geografia.

**Palavras-Chave:** CAS; Ensino Superior; Formação Docente.

### **Introdução**

Quem não tem acesso à educação pode ficar impedido de exigir e exercer direitos civis, políticos, econômicos e sociais, o que prejudica sua inclusão na sociedade moderna. Inserir sócio, cultural e economicamente as pessoas surdas é um desafio considerável em se tratando de se escolher a escolaridade como alternativa, mas sendo esta um instrumento capaz de defender os direitos de todas as classes, não se pode desistir.

A formulação de novas leis que contemplem a comunidade surda pode motivar uma revisão mais efetiva em todas as políticas públicas no tratamento dado às pessoas surdas no Brasil. No entanto, as leis por si só não trarão as modificações que o país necessita, sendo imprescindível a mobilização da população para que viabilizem as

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Geografia do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professor de Geografia do Cursinho Alternativo para Alunos Surdos (CAS).

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação do Instituto de Geografia da UFU, professora de Geografia e do Atendimento Educacional Especializado da Prefeitura Municipal de Uberlândia.

mudanças e nos coloque no caminho correto da igualdade de oportunidades, respeito à pessoa com deficiência e a educação de qualidade para todos. Acredita-se que essa mobilização também deve envolver os educadores de todas as áreas do conhecimento.

O acesso à educação, mesmo que seja garantida legalmente, é uma realidade um pouco distante se atentarmos para problemas estruturais como o acesso desigual à educação de qualidade. Para se atingir essa educação, primordialmente precisa-se ter uma formação docente adequada, pois:

Cada aluno aprende de uma forma diferente, e o aluno surdo necessita de condições específicas de ensino, e para melhor aprender a como ensiná-lo a/o futura/o professor/a além de pesquisas bibliográficas, precisa participar de cursos de LIBRAS, visitar instituições que trabalham na perspectiva da inclusão e ter experiências diversificadas com alunos surdos. Quando se trabalha com aluno surdo, precisa-se aprender a trabalhar enfatizando suas eficiências e potencialidades. Precisa respeitar suas particularidades linguísticas e respeitá-las ao planejar, avaliar e ensinar em sala de aula (SAMPAIO e DURÃES, 2014, p. 1).

A democratização da educação não se limita ao acesso à instituição educativa. O acesso é a porta inicial para a democratização, mas torna-se necessário também garantir que todos que ingressam na escola tenham condições de nela permanecer, com sucesso. Entretanto, não é isto que vem ocorrendo, pois o surdo não vem conseguindo resultados satisfatórios em sua escolarização como, por exemplo, o ingresso no Ensino Superior.

Diante deste problema, em 2004, criou-se o projeto de extensão intitulado Cursinho Alternativo para Surdos (CAS), realizado pelo Centro de Ensino, Pesquisa, Atendimento e Extensão em Educação Especial (CEPAE) no âmbito da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). O CAS tem o objetivo de contribuir para a inclusão de Surdos no Ensino Superior, oferecendo aulas preparatórias exclusivas para os estudantes Surdos. Ele conta com uma equipe de voluntários, composta por coordenação, orientação pedagógica, intérpretes da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e professores, os quais são alunos de cursos de licenciatura da UFU.

Além de preparar os estudantes surdos para sua futura inserção no Ensino Superior, o CAS possibilita um momento de formação paralela para os graduandos dos diversos cursos de licenciatura da UFU, uma vez que estes começam a estudar e descobrir alternativas pedagógicas para atender às especificidades destes aprendizes em cada área específica.

Nesse sentido, este trabalho possui o objetivo de apresentar experiências sobre o Ensino de Geografia para estudantes surdos, durante parte da realização do projeto CAS (2014 a 2015). Para isto, realizou-se levantamento bibliográfico e relato de experiências.

## **O Ensino de Geografia para Estudantes Surdos**

Pensar na relação ensino e Educação Inclusiva sempre gerou grandes debates em torno de quais metodologias utilizar, estratégias a se adotar e o que se tem de mais atual em matéria de ensino inclusivo. Na inclusão dos Surdos, essas discussões giram em

torno, principalmente, do ensino da leitura e da escrita da Língua Portuguesa, pois esta língua não é natural para os estudantes surdos. Eles possuem como primeira língua a LIBRAS.

Sobre o ensino de Geografia, afirma-se que:

[...] no ensino de Geografia, acredito que tanto professores quanto alunos surdos também encontrem dificuldades. No caso dos professores, na medida em que a discussão sobre educação não se apresenta de modo efetivo em sua formação inicial. No caso dos alunos surdos, é possível que tenham dificuldades em articular e demonstrar compreensão de conceitos e linguagens específicas desse campo de conhecimento (FREITAS, 2008, p. 2).

Freitas (2008) expõe essa dificuldade que pode ocorrer com professores e alunos, na medida em que a formação inicial de professores se mostra, ainda, incipiente no que diz respeito a uma efetiva discussão e implementação das metodologias e estratégias de ensino que contemplem um melhor entendimento do conteúdo adaptado à LIBRAS, para daí construí-los com os alunos.

Na educação de alunos Surdos, acredita-se que, se na formação de professores se privilegiassem ações afirmativas que incluam a LIBRAS, de modo a garantir uma boa formação dos docentes, os alunos surdos não terão dificuldades na compreensão dos conteúdos trabalhados em sala de aula.

É necessário estabelecer prioridades quando se tratar da relação Educação Inclusiva/formação de professores. Cavalcanti (2002) aponta uma prioridade no ensino de Geografia como sendo uma reflexão inicial sobre o que se deseja ao ensinar Geografia dizendo que:

O caminho mais adequado para desenvolver o tema de procedimentos no ensino de Geografia é o de uma reflexão inicial sobre os objetivos de ensino. Ensino é o processo de conhecimento mediado pelo professor, no qual estão envolvidos, de forma interdependente, os objetivos, os conteúdos e as formas organizativas do ensino. (CAVALCANTI, 2002, p. 71).

Neste trecho, a autora chama a atenção para uma melhor compreensão da prática do ensino como sendo fundamental para o exercício do magistério, haja vista que é nas experiências que o professor adquire ao longo dos anos de docência que ele vivencia a real aplicação dos conhecimentos estudados durante sua formação teórica. A escolha do método de trabalho também é fundamental nesse período.

Em se tratando do ensino de Geografia para surdos, há que se ter o cuidado de pesquisar, conhecer e escolher métodos eficientes de como se pode trabalhar o conteúdo em sala de aula e associar o conteúdo com a realidade dos alunos.

É possível que, mesmo que a sala tenha somente um aluno surdo, a preocupação do professor deve ser voltada para a necessidade e para a especificidade desse aluno, contemplando as necessidades dos alunos ouvintes, para que o mesmo não tenha prejuízo na aquisição do conhecimento.

Portanto, o planejamento de aula deve ser uma prioridade para o professor, o qual deve saber qual conteúdo a ser ministrado, o método de ensino, as verdadeiras demandas dos educandos, os procedimentos técnicos e teóricos que possibilitem uma apreensão satisfatória da matéria, assim como os métodos avaliativos mais eficientes.

Durante os processos de ensino e de aprendizagem, também é fundamental refletir sobre a sua atuação enquanto mediador do conhecimento, se sua prática adotada realmente funciona, se como e o que ele planejou supre as necessidades dos alunos surdos ou se precisa ser melhorado.

O ensino está sempre em constante mutação, pois o mesmo passa por processos que o atualizam contemplando assuntos cotidianos e bastante próximos da realidade local dos alunos e, também, da comunidade escolar. O professor deve pensar em estar atento aos conteúdos de Geografia, além de rever suas práticas. A Geografia se preocupa em formar cidadão para a convivência em sociedade, ensina a compreender o mundo pelos mapas.

O conhecimento compartilhado pelos estudantes com os professores precisa ser valorizado, pois essa valorização permite que os alunos associem a teoria à prática no cotidiano. Essa dinâmica se dá pela observação de tudo o que está ao seu redor e na relação que se pode fazer entre o que foi estudado e o que se observa no espaço. Com os estudantes surdos este processo não é diferente, apenas ocorre por meio da LIBRAS.

Outra metodologia de ensino de Geografia para alunos surdos é sugerido por Sampaio e Durães (2014) que escrevem:

Pode-se, especialmente ensinando Geografia investir em maquetes, imagens, fotografias, objetos concretos e outros recursos visuais, desde que contextualizados com a matéria, o que auxiliará não apenas o aluno surdo, mas, também os outros alunos. Pode-se também separar um espaço específico no quadro para colocar o significado de novas palavras ou que não exista em LIBRAS, ou mesmo, entregar este projeto de glossário em folha separada, para que ele possa ter sempre em mãos, ou anexá-las ao caderno. (SAMPAIO, DURÃES, 2014, P. 4).

De fato, maquetes, imagens e figuras e sua utilização no ensino de Geografia colaboram na compreensão do assunto a ser tratado, além de servirem de ferramentas na explicação dos fenômenos que ocorrem no espaço geográfico.

Outro apontamento diz respeito à importância do uso desses materiais e recursos didáticos no processo de abstração das informações pelo aluno surdo (e o ouvinte de maneira geral), dada a importância e as necessidades de se conhecer e estudar os aspectos físicos naturais do espaço geográfico e discutir questões ambientais e correlacioná-las com as particularidades socioeconômicas que integram a paisagem.

Portanto, a utilização destes recursos de forma abrangente pelo professor de Geografia legitima um papel importante na produção das competências e habilidades indispensáveis na compreensão do espaço geográfico pelos alunos, sobretudo, os surdos. Essa prática vai além da simples transmissão de dados e noções de memorização de conteúdos.

## **O uso de imagens e sua importância na Educação Inclusiva**

Apesar do avanço considerável nas pesquisas sobre Educação Inclusiva, ainda há muito o que se fazer para alcançar melhorias significativas no ensino dos Surdos, em especial com relação à Geografia. Nesta área, são necessárias pesquisas sobre métodos e recursos didáticos, sobre a comunicação aluno/professor e a instrumentalização docente eficiente, visando o bom planejamento do ensino da Geografia. O uso de imagens é um desses instrumentos, imprescindíveis e indispensáveis no ensino de Geografia para alunos Surdos.

A interdisciplinaridade é algo que o professor de Geografia gerencia como parte de seu ofício cotidiano. Em contraponto a essa interdisciplinaridade, a “pluralidade” se tornou acentuada dentro do ambiente escolar brasileiro a partir do modelo da inclusão, que tem como finalidade assegurar espaço na escola regular à alunos com deficiências, pois é sabido que estes alunos necessitam, em maior ou menor grau, de recursos para o atendimento de suas necessidades em linguagem, motricidade e acesso ao conhecimento.

Mesmo que o ensino de Geografia para estudantes surdos se faça por meio da LIBRAS, apenas esta língua não é capaz de realizar todo o processo de ensino e aprendizagem. Os textos, devido à sua dificuldade com a Língua Portuguesa são, na grande maioria dos casos, ineficientes para eles. Com isto, surge a dificuldade que o Surdo tem (não em sua totalidade) na compreensão de conceitos geográficos, principalmente com relação aos mais abstratos.

Pensando na pluralidade e na formação do professor de Geografia consideramos que trabalhar com imagens é trabalhar com novas formas de ver, compreender o mundo e verificar/comprovar as próprias ideias. O indivíduo, quando visualiza uma imagem, sua visão e seu raciocínio se aguçam. As imagens (charges, fotos, desenhos, imagens de satélites, etc.) são, ao mesmo tempo, produções “naturais” e “imitativas”; são representações e interpretações da realidade. Para esse raciocínio ter fundamento, devemos entender as imagens produzidas ou, simplesmente, captadas em algum site ou outro local como componentes do desenvolvimento geral do desenvolvimento do educando.

Imagens contam muito sobre a natureza do pensamento humano e a sua capacidade de resolver problemas, sendo o resultado de uma experiência vivida. Nossa concepção sobre trabalhar com imagens corrobora com a percepção de Martins, Gouvêa e Piccinini que afirmam que:

Imagens são importantes recursos para a comunicação de ideias científicas. No entanto, além da indiscutível importância como recursos para a visualização, contribuindo para a inteligibilidade de diversos textos científicos, as imagens também desempenham um papel fundamental na constituição das ideias científicas e na sua conceitualização. Essas questões têm sido objeto de um crescente conjunto de investigações no campo da educação em ciências que, mesmo organizado a partir de quadros teórico-metodológicos tão distintos quanto à semiótica social, a psicologia cognitiva e os estudos culturais entre outros, compartilha o interesse de melhor compreender

as relações entre imagens, conhecimento científico e ensino de ciências. (Martins, Gouvêa, Piccinini, 2005).

As autoras nos conduzem a pensar que quando lidamos com imagens, estamos lidando com o aspecto visual do pensamento e da memória, haja vista que imagens são a representação de ambientes, circunstâncias, contextos, datas, espaços, ou mesmo de várias imagens, criando um pensamento complexo. Os estudos de comunicação têm-se concentrado, principalmente, não sobre o mundo visual, mas no vocabulário.

Enfatizar o mundo visual no ensino, não só de Geografia, mas de forma geral, seria o ideal se analisarmos que o recurso da imagem colabora com o potencial de informação que ela pode trazer a respeito de mundo, produzindo uma linguagem diferente da escrita: a linguagem visual, essencial na boa comunicação com o Surdo.

O professor como condutor da interdisciplinaridade, ao manipular e inserir imagens em suas práticas educativas, não apresenta somente a leitura feita de um contexto, de pessoas, de objetos. Ele facilita a compreensão, por exemplo, das categorias de análise da Geografia, a topografia dos espaços, do sentimento de pertencimento dos sujeitos que vivem no lugar, na comparação de diferentes épocas, e olhares; envolve-se na trama que se revela através dos tempos pelas histórias pessoais ou não dos educandos, projetando futuros com estreita relação com o passado e presente.

Dantas e Morais mencionam a fotografia como uma das ligações entre o passado/presente e uma projeção para o futuro.

A fotografia como uma imagem congelada, se apresenta para o professor de Geografia como uma revelação do que foi anteriormente anunciado, ou seja, o que vemos é a persistência do passado que atravessa o ritmo do presente, sendo o encontro dos tempos o campo de experimentação do geógrafo. (Dantas, Morais, 2007).

Apresenta-se, também, como a conquista de sentimentos que povoam os intervalos da cultura; apreciar o canto e o silêncio da paisagem; apreender o dinâmico sabor das festas e as considerações que transformam os espaços em cenários de comunhão e seletividade social; decifrar os símbolos que sustentam condição humana. Na imagem verificamos características próprias da cultura e da natureza numa perspectiva que dialoga com o simbólico e o material que se alastra por todas as direções; planeja o ensino de geografia com o recurso que as imagens nos colocam como compositores de um cenário extraordinário embevecido de cultura; dispõe de práticas e estilos que evidenciam interpretações mais amplas (interdisciplinaridade) do sujeito no mundo, sobretudo, do seu conhecimento.

Paul Claval (2002), afirma que “todos os fatos geográficos são de natureza cultural” e que estudar a cultura é se aproximar das relações que sustentam a vida de uma perspectiva original, considerando a construção do conhecimento como representação para a compreensão da vida.

Recuperando a fala de Franz Boas no que diz respeito à cultura e que podemos relacionar com o trinômio produção/captação/uso de imagens no ensino de Geografia. Boas define cultura como:

“(…) a totalidade das reações e atividades mentais e físicas que caracterizam a conduta dos indivíduos que compõe um grupo social, coletiva e individualmente, em relação ao seu ambiente natural, a outros grupos, a membros de outros grupos e de cada indivíduo para consigo mesmo. Também, inclui os produtos destas atividades e sua função na vida dos outros grupos. A simples enumeração destes vários aspectos da vida não constitui, no entanto, a cultura. Ela é algo mais que tudo isso, pois seus elementos não são independentes, têm uma estrutura.” (Boas, 2010, p. 113).

Segundo Boas (2010), podemos pensar em termos bastante práticos, na produção de cultura e na diversidade cultural que a “liberdade individual”, torna-se um fator preponderante na análise social associada aos vínculos interacionais entre indivíduos. É na interação entre indivíduos sociais que essa liberdade se faz presente, compondo o que é fácil de identificar como cultura subjetiva em uma realidade com grandes e preciosas matizes culturais.

Essa cultura subjetiva, formada na troca interacional entre indivíduos possuidores de liberdade, permite o aumento da diferenciação entre cada um deles e nos grupos e arranjos sociais, “emprestando” complexidade à relação de cada indivíduo com o grupo (comunidade, tribos, etc.). O grupo de indivíduos surdos segue a mesma lógica.

## **Experiências com o Ensino de Geografia no CAS**

No ano de 2014, ao ser convidado pela coordenadora do CAS para lecionar Geografia no Cursinho Alternativo para Surdos, tive uma dificuldade pessoal ligada ao sentimento de incapacidade de dar aulas. Na época, eu ainda não possuía experiência em reger uma sala de aula com alunos ouvintes e, reger uma sala com alunos surdos, seria um desafio muito grande para mim. Em uma reunião com a coordenadora pedagógica ficou determinado que eu ministraria os conteúdos mais relacionados com a Geografia Humana, tais como: composição sócio cultural brasileira, revoluções industriais e seus desdobramentos, miséria e desigualdade social e política, movimentos sociais no campo e na cidade, etc.

Todo o conteúdo ministrado pelos professores do CAS acompanha as orientações definidas na Matriz de Referência do ENEM, elaborado pelo Ministério da Educação e Cultura/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

Entretanto, exercitando minha imaginação, comecei então a me ver (me colocar) em sala de aula ministrando aulas, sanando dificuldades, respondendo questões, expondo o conteúdo, me envolvendo com as histórias dos alunos, interagindo com as (os) intérpretes de LIBRAS, etc. Essas reminiscências me auxiliaram muito, porque

foram me proporcionando segurança, até certo ponto, para chegar à sala de aula e atuar como professor.

Os dias foram se passando, até que chegou o dia em que eu teria que encarar os alunos. Outra estratégia para ficar mais tranquilo foi a de chegar mais cedo na sala para dar uma última repassada no conteúdo do dia e, com isso, poder falar de forma mais tranquila, sem contratempos, atropelos e esquecimentos. Para isso, pedi à coordenação do CAS que colocassem minhas aulas no primeiro horário, pois isso facilitaria a concretização da minha estratégia.

Na sala de aula, próximo do horário de início da aula, os alunos foram chegando um a um, em duplas ou em trios. No começo do curso, eram cerca de 20 alunos, cujos quais finalizaram o período de cursinho em torno de 15. Confesso que eu estava um pouco tenso e que isso durou até a segunda aula e, naquele momento, vendo os rostos dos alunos, sorridentes, despreocupados, se comunicando com as intérpretes, fiquei mais tranquilo. Tive a sorte de ser auxiliado, neste primeiro dia, pela intérprete Letícia, uma pessoa de uma alegria efusiva e contagiante, e pela Hélica, a quem eu já conhecia de um trabalho da disciplina de LIBRAS.

FIGURA 1 – Aula com uso de data-show e imagens no Projeto CAS



Nós, professores, sentimos a necessidade premente de obter total controle de uma sala de aula e esse controle passa obrigatoriamente pelo pedido de silêncio e seu pronto atendimento. Mesmo sendo uma sala de aula composta somente de surdos, eles não são completamente diferentes dos ouvintes, pois são adolescentes, jovens, com todas as suas vontades, influenciados por estímulos visuais originados da televisão, Internet, celulares inteligentes, etc. o que os colocam na categoria de alunos/pessoas comuns. Esse foi o primeiro pré-conceito que foi “derrubado” dentro de minha pessoa e,



lá, estavam eles “conversando” entre eles, mas nada que um olhar furtivo não resolvesse e o conteúdo pudesse ser exposto sem prejuízo.

Durante as duas primeiras aulas senti um pouco de nervosismo, apesar de ter elaborado aulas razoavelmente dinâmicas, com pouco texto e bastante imagens, meu vocabulário insistia em ser quase acadêmico. Por causa disso, a compreensão da própria intérprete ficava prejudicada. Na terceira aula, eu já me sentia familiarizado com as feições dos alunos, já os conhecia pelo nome, alguns queriam mais detalhes da matéria, traziam notícias, aspectos culturais e regionais dos lugares mencionados nas aulas, ou seja, contribuíam muito em termos qualitativos para o enriquecimento da aula, outros me auxiliaram na compreensão de algumas palavras e sinais em LIBRAS.

Logo na primeira aula, apesar do nervosismo de apresentar uma aula para alunos surdos, cujos quais eu não saberia prever a reação deles com relação ao conteúdo, à minha presença e ao meu vocabulário, senti que a atenção era total às imagens e ao que a intérprete lhes passava. Acredito que pelo fato de eles não estarem dirigindo o olhar à minha pessoa, facilitou o desenvolvimento da minha fala. Foi uma aula “inaugural” onde eu apresentei o real significado da Geografia, seus aspectos históricos, seu objeto de estudo, sua aplicação prática, sua função, suas atribuições enquanto disciplina que forma conceitos críticos ligados a toda produção humana no espaço, a área física (solo, água, fauna, flora).

Minhas aulas eram a cada duas semanas, num sistema de revezamento com outro colega graduando em Geografia. Em uma aula sobre a indústria da seca surgiram várias perguntas sobre o tema, além de valiosas colocações por parte dos alunos sobre o fenômeno da seca, a dinâmica atmosférica que proporciona a seca, além de outras.

Continuando, preparei uma aula sobre a composição sócio cultural brasileira, a exemplo da aula sobre a indústria da seca a curiosidade dos meus alunos não diminuíra. Como a aula apresentava as matrizes sociais do povo brasileiro o interesse foi grande em saber/rever questões históricas do início da colonização brasileira, da inserção dos imigrantes italianos, portugueses, alemães e japoneses e sua adaptação e resistência a uma cultura em pleno desenvolvimento no Brasil.

Outra que chamou bastante a atenção dos meus alunos foi a aula sobre miséria, desigualdade social, política e racismo. Novamente eles me surpreenderam ao exporem um conhecimento apurado sobre fatos cotidianos, suas impressões do que seja preconceito e racismo, além de relatarem a função da mídia em geral de informar, mas que na maioria dos casos ela (a mídia) exerce uma influência muito grande em torno da propagação do preconceito pelas minorias e a segregação racial velada existente em nossa sociedade nos dias atuais.

E, assim, minhas aulas se tornaram mais fluidas, agradáveis, com a participação, quase que, total dos educandos. Ministrei aulas sobre movimentos no campo, sincretismo religioso, trabalho escravo e infantil, cultura e suas manifestações, etc.

A experiência de ser professor de alunos surdos foi um dos melhores trabalhos ligados à docência que eu já pude participar. Pode ser que em outras experiências eu possa não ter a mesma impressão positiva, porém, nesse trabalho voluntário, percebi vários pontos que merecem destaque: por ter sido operacionalizado dentro das dependências da Universidade Federal de Uberlândia, os recursos físicos (mesas, cadeiras, data show) e a disponibilidade de espaço contribuíram para a execução de uma boa aula; os alunos são muito interessados em “atualidades”, sempre expondo fatos que eles viram em noticiários, características culturais de cidades, estados e mesmo globais;

conseguem estabelecer uma relação entre a Geografia e outros conteúdos (interdisciplinaridade); notei certo interesse, em alguns, em ensinar a LIBRAS; pode não ser regra geral, mas são de fácil amizade; têm uma excelente memória; em certas situações, não escondem a insatisfação por algum contratempo, pequeno erro, discordância, etc.;

De um modo geral, ministrar conteúdos da Geografia Humana para aquela turma de alunos surdos, em especial, foi enriquecedor, pois acredito que os termos utilizados são de fácil e relativo entendimento, uma vez que verificamos a apresentação de diversas situações do cotidiano econômico, político e cultural em livros didáticos, noticiários, e documentários veiculados pela grande mídia, trabalhadas em sala de aula. Todavia, quando era necessário correlacionar alguma característica física da Geografia com a matéria do dia, era preciso utilizar palavras mais simples, certas metáforas, esboçar algum desenho no quadro, utilizar imagens do Google Earth.

A utilização de imagens na atuação como professor de Geografia no Cursinho Alternativo para Surdos foi de extrema importância. Devido às formas e cores, fez com que os alunos exercitassem o estímulo visual que é muito maior do que se estivessem somente lendo textos e por isso foi possível captar o máximo de atenção em um primeiro momento (acredito que isso foi possível, também, como os outros professores voluntários). As imagens podem ser importantes para gerar empatia em qualquer aluno, surdo ou não.

O ditado já diz que “uma imagem vale mais que mil palavras”. Muitas vezes um gráfico, a imagem de um ambiente degradado, de contrastes entre comunidades carentes dividindo o espaço com condomínios de luxo ou alguma ação relacionada ao conteúdo podem ser muito úteis em tornar o conceito mais claro para quem está lendo.

Outrossim, as imagens podem e devem te ajudar, mas é preciso tomar cuidado com o que destacar. Não faça com que algumas imagens se destaquem mais que suas considerações a respeito do que elas querem apresentar. No caso da Geografia, por exemplo, devemos nos preocupar com que a interdisciplinaridade, o contexto atual e o mais próximo possível do aluno seja evidente e claro. Além do mais não devemos cometer o erro de usar imagens como único recurso ou dispô-la inteiramente em uma folha sem textos (imagens não são lidas por si só), para evitar esse erro podemos contextualizar a imagem com um texto.

## **Considerações Finais**

É possível concluir que a inclusão escolar dos estudantes surdos não é garantida apenas com a sua inserção na escola. Muitos Surdos, mesmo tendo concluído a Educação Básica, não conseguem se comunicar bem por meio da Língua Portuguesa escrita, e não tem acesso ao Ensino Superior.

Além de ser um ambiente importante para que os Surdos sejam formados para o Ensino Superior, o CAS possibilita experiências únicas, onde os graduandos de diversas licenciaturas da UFU ministram aulas inclusivas para Surdos. Durante as aulas, professores entram em contato com todo o processo das práticas pedagógicas, sendo capazes de refletirem sobre a sua própria prática.

É imprescindível investir na formação docente, principalmente durante a licenciatura, para que os professores possam refletir acerca de uma prática de ensino

mais inclusiva para os estudantes Surdos. Sobre o ensino de Geografia, devem-se adotar os recursos visuais, como maquetes, imagens e figuras, além de atualidades que possam ser relacionadas com a vida dos estudantes.

## **Referências**

BOAS, Franz, **A Mente do Ser Humano Primitivo**, trad. de José Carlos Pereira, Petrópolis – RJ, Ed Vozes, 2010.

BRASIL, Grupo de Trabalho da Política Nacional de Educação Especial, **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**, 2008.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino: Geografia escolar e procedimentos de ensino numa perspectiva socioconstrutivista**. Goiânia, Alternativa, p.71-100, 2002.

CLAVAL, Paul. **Campo e perspectivas da Geografia**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zenny (Org.). Geografia cultural: um século (3). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002.

DANTAS, Eugênia Maria; MORAIS, Ione Rodrigues Diniz, **O Ensino de Geografia e a Imagem: universo de possibilidades**, IX Colóquio Internacional de Geocrítica, Los Problemas Del Mundo Actual – Soluciones y Alternativas Desde La Geografía y las Ciencias Sociales, Porto Alegre, UFRS, 2007.

FREITAS, Reinaldo de, **Ensino de Geografia e Educação Inclusiva: estratégias e concepções**, Revista Urutágua - revista acadêmica multidisciplinar, – Nº 14 –, Maringá – Pr, 2008.

MARTINS, Isabel; GOUVÊA, Guaracira; PICCININI, Cláudia. **Aprendendo com imagens**. *Ciência e Cultura*, v. 57, n. 4, p. 38-40, 2005.

RAMOS, Célia Regina, **LIBRAS: A Língua de Sinais dos Surdos Brasileiros**, Ed. Arara Azul, Petrópolis-RJ, sem data.

SAMPAIO, Adrianly de Ávila Melo, DURÂES, Sarah Kennedy, **Experiência no Ensino de Geografia no Cursinho Alternativo para Alunos Surdos – CAS – CEPAE – UFU**, VI Seminário de Educação Especial e V Encontro de Pesquisadores em Educação Especial e Inclusão Escolar, Uberlândia, 2014.

SILVA, Lázara Cristina da; DECHICHI, Cláudia; SANTOS, Cristiane Lopes dos; GONZAGA, Kaio Augusto. **Cursinho Alternativo para Aprendizizes Surdos – CAS**, Em Extensão – Uberlândia-MG, V5. 2005-2006.

SOUZA, Maria Regina de, **O Professor Intérprete de Língua de Sinais em Sala de Aula: ponto de partida para se repensar a relação, ensino, sujeito e linguagem**, Educação Temática Digital, Campinas, v.8, n. esp., p.154-170, 2007.

TEIXEIRA, Caterine Melo Duffles, **Iniciando no Ensino de Surdos**, Ed. Popular, Uberlândia, v.8, p.163-167, jan./dez. 2009.